

## RESENHA

### EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

FREIRE, Paulo. [1967]. Educação como Prática de Liberdade. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra: 1975.

Leandro Luciano Silva Ravnjak<sup>1</sup>

**Recebido em:** 05/10/2021

**Aprovado em:** 15/12/2021

A desesperança das sociedades alienadas passa a ser substituída por esperança, quando começam a se ver com os seus próprios olhos e se tornam capazes de projetar (FREIRE, 1967).

## APRESENTAÇÃO

Poderia ter lançado mão na epígrafe do tão famoso fragmento da obra em comento, “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”, mas aqui aproveito para redimir-me pela não citação, mas não arrependo-me pela epígrafe registrada.

Também, pode-se questionar a opção pela obra, sendo que, neste centenário do nascimento de Paulo Freire, tendo como grande destaque a ‘Pedagogia do Oprimido’ o resenhista opta pela “Educação como prática da Liberdade”.

Pois bem, redimido pela epígrafe, justifico a escolha pela obra.

No Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros, na disciplina ‘Tendências do Pensamento Educacional’ promovemos, o

---

<sup>1</sup> Advogado. Professor Universitário. Doutor em Educação pela FAE/UFMG. Docente do Curso de Direito da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. E-mail: [leandro.silva@unimontes.br](mailto:leandro.silva@unimontes.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8903-6442>.

Doutor Heiberle Horácio e eu, o encontro dos mestrandos com Paulo Freire e outros teóricos que, em nossa concepção, identificamos como tendências do pensamento educacional. Em especial sobre Freire, além da Educação como Prática da Liberdade, promovemos as aproximações também com a Pedagogia do Oprimido.

Mas, a informação alhures não é a única razão para a eleição da Educação como Prática da Liberdade como obra a ser resenhada, o que provoca a revitalização deste texto pode ser o contexto brasileiro em que deflagrou-se sua produção, a ambiguidade do conceito de liberdade no interior da obra, e o significado do texto para a trajetória autor Paulo Freire.

Assim, como proposta de resenha, espera-se que este texto possa provocar o sentimento de necessidade de leitura da Educação como Prática da Liberdade, e compreender seu significado para a educação brasileira.

## **A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE**

O texto em comento teve sua primeira edição publicada pela Editora Paz e Terra, no ano de 1967, aproximadamente 4 anos após partir para o exílio.

A versão da obra que serve para este texto, data de 1975, nomeada como 5ª edição, pela mesma editora Paz e Terra. Conta com um texto de apresentação intitulado Educação e Política, reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade, assinado por Francisco C. Weffort. Conta ainda com uma abertura cultural “Canção para os Fonemas da Alegria” de Thiago Mello. Aliás, cultural que representa muito bem o que o leitor encontrará no texto, em especial nas páginas finais, colocadas como apêndice, um rico conjunto de quadros em grafite assinados por Vicente de Abreu, e que representavam as situações existenciais para os ciclos de cultura.

Segue o poema, um breve texto, redigido pelo próprio Paulo Freire, que recebe o título de Esclarecimento, datado de 1965, e que expõe as inquietações relacionadas ao contexto da obra, explica o autor: “O esforço educativo que desenvolveu o Autor e que pretende expor neste ensaio, ainda que tenha validade em outros espaços, e em outro tempo, foi todo marcado pelas condições especiais da sociedade brasileira”. (p.35).

E acrescenta Paulo Freire,

Na medida em que deixam em cada homem a sombra da opressão que o esmaga. Expulsar esta sombra pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isso respeitadora do homem como pessoa. (p.37)

Os esclarecimentos prestados por Paulo Freire também deixam claro os motivos de sua perseguição e de seu exílio, motivos que revitalizaremos adiante.

Além dos textos preliminares acima mencionados, a Educação como Prática de Liberdade conta, ainda, com quatro capítulos, A Sociedade Brasileira em Transição, Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática, Educação *versus* Massificação, Educação e Conscientização, compõe o texto o Apêndice já mencionado.

A Educação como Prática da Liberdade, pode ser considerado o texto germinal para toda a produção Freiriana, não obstante ocupar boas páginas com a descrição do método que o fez conhecido por alfabetizar, em 45 dias, 300 trabalhadores e trabalhadoras, em uma das regiões com o menor Índice de Desenvolvimento Humano do país, o conteúdo da obra vai além da prática pedagógica, evidencia que a educação é um ato político e de emancipação humana.

Mas o desafio era hercúleo, uma vez que pelos idos de 1963, o país contava com aproximadamente 4.000.000 crianças em idade escolar, sem escola, e com aproximadamente 16.000.000 analfabetos, a partir da faixa etária de 14 anos.

Então, como chegar a estes sujeitos, desprovidos, não apenas do ato de ler e escrever, mas com o jarro cheio de desesperança.

Pelo texto, transitam temas que aquecem os debates, ainda hoje, nas universidades, em cursos de graduação e pós-graduação.

A preocupação com o ser social e do estar com o mundo permeiam a produção da educação como prática da liberdade.

As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo. Estar *com* o

mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (p.39)

Mais que isso, a atenção para que a educação fosse mesmo emancipatória e não adestradora de uma população brasileira que apenas estava *no* mundo

Nossa preocupação, de resto difícil, era a captação dos novos anseios, como a visão nova dos velhos temas que se consubstanciando, nos levariam a uma “Sociedade aberta”, mas distorcendo-se, poderiam levar-nos a uma sociedade de massas em que, descriticizado, quedaria o homem acomodado e domesticado. (p. 47)

Parece que, em certa medida, a liberdade apresentada no título da obra reveste-se de emancipação, por isso a ambiguidade suscitada na apresentação desta resenha, ou seja, a reação que o método freiriano provoca nos sujeitos, apresenta-lhes o *status quo* e lhes incita a uma nova realidade, não a partir das ilusões externas, mas, partindo das intimidades do homem com o mundo e no mundo.

Daí, então, que para Paulo Freire, nesta obra, a educação a ser assumida pelo educador, deveria ser crítica e criticizadora, capaz de armar o homem brasileiro contra a força dos irracionalismos, de que era presa fácil. (p.86).

“Uma educação para o desenvolvimento e para a democracia”, (p. 87) [...] “que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio ‘eu’ submetido às prescrições alheias”. (p.89/90)

Indica-se assim, que o ato de ler e escrever não encerrava-se em si mesmo, projetava-se para a tomada de consciência.

Parece que uma proposta de educação que se distanciasse do adestramento, por si só, já se apresentava como um risco à sociedade em transição e materializada pela inexperiência democrática.

A alcunha de subversivo, marcou a trajetória de Paulo Freire e foi nesse contexto que retira-se do país, após os constrangimentos experimentados nos depoimentos em inquérito policial-militar, pelos idos de 1964.

A educação subversiva proposta pelo método de Paulo Freire, ganhou centralidade nos círculos de cultura com a palavra geradora “trabalho”.

O homem fez o poço porque teve necessidade de água. E o fez na medida em que, relacionando-se com o mundo fez dele objeto de seu conhecimento. Submetendo-o, pelo trabalho, a um processo de transformação. Assim, fez a casa, sua roupa, seus instrumentos de trabalho. A partir daí, se discute com o grupo, em termos evidentemente simples, mas criticamente objetivos, as relações entre os homens, que não pode ser de dominação nem de transformação como as anteriores, mas de sujeitos. (p.124)

A partir da problematização da palavra trabalho e da revelação das relações entre os sujeitos, em especial as de dominação que prevaleciam em Angicos de 1963, foi que tomando consciência do seu *status* de dominado e, municiado com a leitura do texto consolidado, a CLT de 1943, que os homens e mulheres de Angicos, reivindicaram melhores condições de trabalho e salários, registrando-se após os círculos de cultura o primeiro movimento grevista nesse sentido.

Não parece absurdo, então, que professores e professoras sejam provocados a tornarem-se subversivos, já que a encontra-se na educação, a possibilidade da transformação, ou, pelo menos, possibilidade de escolher.

A proposta do presente texto, não é a descrição minuciosa do método freiriano adotado em Angicos, isso porque, a ideia central desta resenha é provocar o leitor à consulta e à leitura da obra, que além dos temas aqui pontuados, apresenta transitoriedade por outros conceitos importantes para a compreensão da produção teórica de Paulo Freire, o ser social, o materialismo histórico e a emancipação.

Por óbvio que as considerações aqui apresentadas não poderiam deixar de estar carregadas de bagagens subjetivas do resenhista, a escolha dos trechos transcritos e as possibilidades de diálogos, são costuradas a partir das leituras que acumulam-se ao longo dos anos, tanto das obras de Paulo Freire quanto de outros autores.

Por fim, apesar dos defeitos deste resenhista, espera-se provocar a leitura e estudo da Educação como Prática de Liberdade.

## REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. [1967]. *Educação como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra: 1975.